

AREA: GT09 - Esporte e sociedade

Sobre os estudos sociais do esporte: políticas acadêmicas de um campo em desenvolvimento

Autores Edison Gastaldo (edisongastaldo@yahoo.com.br /Doutor(a) /Docente e Pesquisador)

Instituição 1. UFRRJ, Instituto de Ciências Humanas e Sociais; CNPq

Resumo:

Este artigo busca discutir alguns aspectos da configuração política dos estudos sociais sobre o esporte no Brasil. Esta denominação foi utilizada para dar conta da ampla diversidade de campos disciplinares envolvidos nos estudos sobre os fenômenos esportivos em perspectiva social, como sociologia, antropologia, comunicação, educação física, psicologia, geografia e outros. Sendo um campo relativamente jovem no cenário acadêmico brasileiro, a organização política dos/as pesquisadores/as desta área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em desenvolvimento. Após um breve delineamento das principais componentes deste quadro, são apresentados alguns elementos que podem aprimorar seu inegável potencial acadêmico.

Sobre os Estudos Sociais do Esporte: políticas acadêmicas de um campo em desenvolvimento

Édison Gastaldo – ICHS/UFRRJ/CNPq

Introdução

Apesar do esporte já ter figurado como assunto de reflexão de intelectuais e cientistas sociais brasileiros desde o início do século XX (ver, neste sentido, Soares e Lovisolo, 2001), o campo acadêmico dos estudos sociais do esporte a que me refiro começou bem mais tarde, no início dos anos 1980. Emprego aqui o termo “estudos sociais do esporte” para definir um amplo espectro de produção acadêmica, como dissertações e teses, artigos científicos em periódicos, grupos de pesquisa e grupos de trabalho em congressos que caracteriza-se por abordar o esporte em sua dimensão de fato social, (distinguindo-se portanto de abordagens físicas e/ou fisiológicas dos fenômenos esportivos), organizada nos moldes de um “campo intelectual”, como o descrito por Bourdieu (2002), noção já bastante conhecida e sobre a qual não pretendo me deter.

Assim, o que estou denominando de “campo dos estudos sociais do esporte” inclui trabalhos científicos disciplinarmente alocados nas áreas de educação física, comunicação, antropologia, sociologia, história, educação, geografia, psicologia e muitas outras. Neste artigo, por razões que explicitarei mais adiante, vou dedicar maior atenção às três primeiras, embora reconheça a existência e a qualidade dos estudos sociais do esporte em outros territórios disciplinares.

O objetivo deste trabalho é abordar alguns aspectos da situação atual dos estudos sociais sobre o esporte no Brasil e apontar algumas linhas de desenvolvimento para que sua inegável qualidade acadêmica possa estabelecer-se mais solidamente em nível internacional e no próprio cenário acadêmico brasileiro.

Como argumentarei a seguir, o tema do esporte – em todos os seus múltiplos desdobramentos – “pertence” muito mais à área de educação física do que a qualquer outra, por ampla maioria em critérios como número de Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq, Grupos de Trabalho em congressos de cada área e número de periódicos especializados.

Apesar da superioridade numérica da educação física, áreas como a antropologia e sociologia vêm apresentando há mais de trinta anos uma consistente e relevante produção teórica e metodológica sobre fenômenos esportivos, bibliografia que exerce grande influência na literatura da educação física, como pode ser visto pelas listas de referência bibliográfica. Assim, os estudos sociais do esporte são essencialmente transdisciplinares (ou “indisciplinares”, como sugeriu certa vez L. C. Rigo), e também podem ser encontrados nas áreas de psicologia, letras, história, geografia, educação, etc. Assim, estudantes que pretendam revisar a literatura sobre fenômenos esportivos podem precisar “saltar algumas cercas” disciplinares para encontrar interlocução.

O campo acadêmico dos estudos sociais sobre o esporte no Brasil apresenta, em seu conjunto, uma produção bibliográfica volumosa e excelentes exemplos de densidade teórica, capacidade analítica e seriedade metodológica, permitindo que esta produção acadêmica possa figurar entre as principais linhas de desenvolvimento teórico nesta área em nível mundial. Entretanto, a exemplo de muitas outras áreas da ciência social brasileira, nossa produção acadêmica sobre esportes é ainda voltada predominantemente para nossos próprios compatriotas, em congressos, periódicos ou livros que circulam quase que exclusivamente em território nacional, e entre grupos disciplinarmente delimitados. Há, por exemplo, muito pouca circulação entre

antropólogos de textos produzidos na educação física – já a recíproca não é verdadeira. Várias razões podem ser apontadas à primeira vista para esta situação, uma delas a chamada “barreira linguística”, que torna difícil que textos em português circulem entre países de língua inglesa. Não obstante, cientistas de Portugal poderiam estar dialogando conosco (e não estão), e se considerarmos que os falantes de espanhol compõem um público leitor de cerca de quinhentos milhões de pessoas, vemos que há saídas viáveis e ótimos motivos para superarmos esta barreira, mas que pouco temos feito por isso.

É verdade que os estudos sociais sobre o esporte compõem um campo relativamente jovem no cenário acadêmico brasileiro, tendo seus estudos “clássicos” sido publicados no início dos anos 1980, e a organização política dos/as pesquisadores/as desta área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em desenvolvimento. Fatores que acrescentam complexidade a esta situação são a sua dimensão interdisciplinar – dentro de um campo acadêmico cada vez mais rigidamente demarcado por fronteiras entre disciplinas, apesar da popularidade dos discursos “inter” ou “transdisciplinares” – e sua baixa organização institucional, concentrada em poucos Grupos de Trabalho em congressos, poucos Grupos de Pesquisa registrados no Diretório do CNPq e poucos periódicos científicos. A vinculação internacional dos estudos de esporte brasileiros é ainda fortemente restrita ao diálogo com pesquisadores argentinos, e, em muito pequena escala, com mexicanos, europeus e norte-americanos.

A formação dos estudos sociais do esporte no Brasil

Desde meados dos anos 1970, alguns cientistas sociais começaram a dedicar-se à dimensão social do fenômeno esportivo – futebolístico, para ser mais preciso. Destacam-se neste período Roberto Da Matta, que desde 1974, em artigos para a imprensa, apontava a dimensão cultural do futebol no Brasil, Sérgio Miceli, sociólogo que publicou artigos sobre a Gaviões da Fiel em periódicos científicos entre 1977 e 1979 e Ricardo Benzaquen de Araújo, que em 1980, defendeu dissertação de mestrado no Museu Nacional intitulada “Os Gênios da Pelota: um estudo do futebol como profissão”, orientado por Gilberto Velho. Provavelmente, a primeira dissertação de mestrado a tratar o esporte em perspectiva social no Brasil foi a de Simoni Lahud Guedes, em

1977, “Futebol Brasileiro: instituição zero”, orientada por Luiz de Castro Faria, no Museu Nacional. Pioneira neste campo, Simoni participou, com outros antropólogos, da obra que tradicionalmente se considera o marco dos estudos sociais do esporte no Brasil, a excelente coletânea “Universo do Futebol”, organizada por Roberto Da Matta em 1982. Nesta coletânea, o futebol é apresentado dentro de uma perspectiva antropológica da cultura, como “drama social”, a partir de estudos etnográficos. Neste primeiro momento, o único esporte abordado foi o futebol, cuja preeminência no universo cultural brasileiro é evidente. Para uma boa revisão histórica sobre o futebol nas ciências sociais brasileiras, ver Toledo (2001).

Aos poucos, outros livros acadêmicos viriam a compor um quadro teórico de referência nesta área, com as mais diversas fundamentações teóricas. Destaca-se nesse sentido, em uma posição bastante oposta à da antropologia, pelo seu pessimismo de orientação marxista, “Futebol: ideologia do poder”, de Roberto Ramos (1984), que reitera a representação do futebol como “ópio do povo” no Brasil. Outro livro que ajudou a despertar gerações de jovens pesquisadores para os estudos sociais do esporte entre estudantes de graduação é “O que é Sociologia do Esporte”, de Ronaldo Helal (1990), na coleção “Primeiros Passos” da editora Brasiliense. Helal defendeu seu Doutorado em Sociologia na New York University em 1994 com uma tese sobre futebol, “*The Brazilian Soccer Crisis as a Sociological Problem*”. No mesmo ano, a dissertação de mestrado de Luiz Henrique Toledo, “Torcidas Organizadas de Futebol” foi a vencedora do Prêmio ANPOCS, e seria publicada no livro homônimo de 1996. Em 1995, a publicação da coletânea “Corpo e Significado: ensaios de antropologia social”, organizada por Ondina Fachel Leal foi um importante aporte bibliográfico para a área de educação física, fortalecendo uma ligação entre a antropologia do corpo e os estudos sociais na área de educação física. Naquela coletânea, o capítulo “A Forja do Homem de Ferro: a corporalidade nos esportes de combate” (Gastaldo, 1995) analisou o universo das artes marciais, influenciando, na educação física, a pesquisa em perspectiva etnográfica sobre o universo esportivo em sua articulação com relações de gênero. A partir do final dos anos 1990, os estudos acadêmicos sobre o esporte – o futebol, como sempre, destacando-se – seriam em número cada vez maior, começando a configurar-se, pelo número, qualidade e dispersão teórica, geográfica e institucional dos trabalhos, o campo acadêmico objeto deste artigo.

Os estudos sociais do esporte e as áreas do conhecimento

Mesmo que os apelos a uma ciência “pós-moderna”, multi ou transdisciplinar sejam simpáticos e sedutores, os liames institucionais que mantêm o campo acadêmico estruturado em torno de disciplinas parecem cada vez mais firmes. Se considerarmos que o fazer científico necessita de financiamento, e que o acesso aos recursos para o fomento da ciência se fundamenta em uma “tabela de áreas do conhecimento” utilizada pelo CNPq, veremos que o termo “esporte” (e seus derivados) sequer é mencionado ao longo de toda a lista de áreas e sub-áreas. A área de Educação Física, na tabela atual, não apresenta sub-áreas, ou seja, uma demanda de financiamento por parte de um/a pesquisador/a de educação física em estudos sociais dos esportes deve competir com estudos sobre educação física escolar ou fisiologia do movimento humano, por exemplo, sem qualquer matiz que indique um subcomitê específico para avaliar a proposta. Em antropologia, comunicação e sociologia, a situação não é muito diferente: cientistas interessados em solicitar financiamento para pesquisas, eventos ou publicações devem encaminhar suas demandas para sub-áreas como “Outras sociologias específicas”, “Teoria da Comunicação” ou “Antropologia Urbana”.

A “Nova Tabela de Áreas do Conhecimento”, proposta em 2005 – e ainda aberta para discussão – melhora um pouco as coisas, *ma non troppo*. Por exemplo, aparece uma especialidade – Sociologia do Esporte – que de uma certa maneira descreve mais adequadamente nossa temática, e a área de Educação Física passa a ser denominada “Educação Física e Esportes”, e ganha sub-áreas: “Biodinâmica do Comportamento Humano”; “Aspectos Culturais da Educação Física”; “Gestão em Educação Física”; “Esportes Específicos”. Já a Antropologia e a Comunicação continuam solenemente ignorando os fatos esportivos como temática pertinente a seus estudos. Apenas como comparação, na antropologia, a nova tabela receberia uma demanda em antropologia do esporte sob a rubrica “Antropologias Temáticas” (sem nenhuma especialidade disponível, apesar de constarem na lista de especialidades termos tão detalhados como “Antropologia Teatral”, “Antropologia da Dança” e “Antropologia da Guerra”). Na Comunicação, dá-se o mesmo: um pesquisador de nossa temática deveria mandar sua demanda à sub-área de “Processos Sociais”, sem nenhuma especialidade disponível para matizar a demanda,

embora na lista conste uma especialidade sutil como “Comunicação e Extensão Florestal”. Nada a criticar quanto à inclusão das especialidades citadas acima em uma lista tão extensa, o ponto que quero ressaltar é que a ausência de termos que descrevam as pesquisas que fazemos em uma lista de áreas do conhecimento revela o quão incipiente é a organização política dos estudos sociais do esporte no cenário acadêmico brasileiro. Como a nova proposta ainda está em aberto, é possível propor alterações a seu conteúdo, mas é preciso fazê-lo.

A organização política dos estudos sociais do esporte no Brasil

Uma consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq com a palavra-chave “esporte” deixa uma coisa bastante clara: a absoluta superioridade numérica dos grupos de pesquisa ligados à educação física que têm este termo em suas ementas ou títulos. Por assim dizer, o esporte “pertence” mais à educação física do que à comunicação ou ciências sociais. A busca não refinada por este termo resultou em 183 grupos de pesquisa registrados na área de educação física. É evidente que uma leitura mais acurada registra um bom desconto no total, pois muitos deles tratam de aspectos não diretamente ligados aos estudos sociais, como bioquímica, biomecânica ou treinamento esportivo. Ainda assim, um exame com alguma acuidade das ementas desses grupos resultou em um conjunto de cerca de 40 grupos de pesquisa das mais diversas instituições do país que, de alguma maneira, desenvolvem estudos sociais do esporte. Uma absoluta superioridade, considerando os três grupos registrados na área de comunicação e de sociologia, ou os quatro registrados na área de antropologia.

Em termos de participação em eventos, existem passagens de vários grupos de trabalho (GTs) em congressos importantes na área das ciências sociais, de maneira algo errática. Na Anpocs, por exemplo, entre 2002 e 2003 foi apresentado o grupo “Esporte, Política e Cultura”, coordenado por José Jairo Vieira e Ronaldo Helal, mas em 2004, houve apenas uma Mesa-Redonda organizada por vários dos participantes do GT, intitulada “Esporte e sociedade: olhares e interpretações para a formulação de uma nova agenda de investigações”. Após um lapso em 2005, quando não houve nem GT, nem Mesa-redonda nesta temática, o grupo volta em 2006 e 2007, com a mesma denominação. Em 2008 e 2009, o GT não se classifica e se desfaz. Uma nova proposição, “Esporte e sociedade”, organizada por Arlei Damo e Josimar Jorge Ventura de Moraes, foi aprovada para o encontro de 2010, mantendo assim o espaço acadêmico para

divulgação de pesquisas em estudos sociais do esporte no principal fórum das Ciências Sociais brasileiras.

Na antropologia, o Grupo de Trabalho “Antropologia do Esporte” tem tido melhor sorte e permanecido estável por mais tempo do que na Anpocs. Na área de antropologia, os congressos são bianuais, alternando-se em anos pares a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) e nos anos ímpares a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). Nos dois congressos, a participação do GT Antropologia do Esporte tem sido constante desde 2000, na 22ª RBA, em Vitória/ES. No ano seguinte, o mesmo GT se reuniu na IV RAM, em Curitiba/PR, e desde então vem mantendo a regularidade de sua produção nas duas entidades.

Nos congressos da área de comunicação, a trajetória dos GTs sobre estudos sociais do esporte foi um tanto truncada. No Intercom, maior congresso em número de participantes na área, houve, durante alguns anos, entre 1997 e 2006, o Núcleo de Pesquisa “Mídia Esportiva”, com ligeiras variações de denominação de um ano para outro. Em 2006, o NP desapareceu, e a temática acabou englobada, junto com outros NPs, sob o título “Comunicação Científica”, coordenado por José Carlos Marques, pesquisador da imprensa esportiva que era até então o coordenador do NP. Em 2009, ressurgiu o tema dentro da entidade, no Grupo de Pesquisa (GP) “Comunicação e Esporte”. Na Compós, fórum de pesquisa em Pós-Graduação em Comunicação, a temática do esporte jamais foi contemplada em um GT próprio, contemplando somente textos de pesquisadores isolados.

Na área da educação física, como já foi salientado, encontra-se a maior concentração de grupos de pesquisa e também a mais antiga associação acadêmica de estudos do esporte. O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) surgiu em 1978, espelhado nos moldes de uma associação médica norte-americana. A ênfase na área médica marcou os primeiros anos da associação, sendo médicos do esporte todos seus primeiros presidentes, até 1985, quando foi eleito um profissional de educação física, Laércio Elias Pereira. Desde então, a tensão entre diferentes perspectivas no interior da associação, que poderiam ser condensadas na oposição “biomecânica esportiva x estudos sociais do esporte” levou a uma progressiva aproximação do CBCE aos estudos do esporte em perspectiva social. Atualmente, dos 12 Grupos de Trabalho temático em atividade nos encontros do Colégio, pelo menos 9 relacionam-se diretamente aos estudos sociais do esporte (Comunicação e Mídia; Corpo e Cultura; Epistemologia; Escola;

Memórias da EF e Esporte; Movimentos Sociais; Políticas Públicas; Recreação e Lazer; Inclusão e Diferença). Igualmente, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) é o mais antigo periódico científico em circulação nesta área no Brasil. Publicada desde 1979, inicialmente como veículo para publicação dos anais dos congressos do CBCE, a revista acompanhou as transformações na entidade e hoje encontra-se em seu 32º ano de circulação ininterrupta. Os outros periódicos na área do esporte no Brasil, impressos e digitais, são muito mais recentes (para citar dois bons periódicos, a “Movimento”, da ESEF/UFRGS, é de 1994; a “Esporte e Sociedade”, da UERJ, é de 2003), embora, apenas para comparação, a *International Review for the Sociology of Sports*, da Inglaterra, é publicada desde 1966, há 45 anos em circulação ininterrupta.

A participação do GT Antropologia do Esporte na Reunião de Antropologia do Mercosul abriu um caminho para a internacionalização da pesquisa nesta área. Pela oferta de espaço institucional para apresentação das pesquisas neste GT, vários pesquisadores/as argentinos, ligados ao grupo de pesquisa liderado por Pablo Alabarces, da Universidade de Buenos Aires, passaram a participar seguidamente dos eventos. O próprio Pablo e seu compatriota, o eminente antropólogo Eduardo Archetti, da Universidade de Oslo – lamentavelmente falecido em 2005 – participaram de várias edições deste grupo de trabalho, tanto na ABA, quanto na RAM e ANPOCS. Deste frutífero intercâmbio, resultaram várias publicações e atividades acadêmicas relevantes. Em anos recentes, Ronaldo Helal e Simoni Guedes fizeram estágio pós-doutoral na UBA com Alabarces, foram publicados livros e artigos em espanhol e português – destaca-se neste sentido o número especial da revista *Virtual Brazilian Anthropology* (Vol 6, nº 2, 2009) dedicado ao futebol, organizado por Simoni Guedes, Carmen Rial e Peter Fry, o número especial da *Horizontes Antropológicos* (nº 30, 2008) denominado “Antropologia e Esporte”, organizado por Arlei Damo, Simoni Guedes e Ruben Oliven e a coletânea “Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional” (Niterói: Intertexto, 2006), organizada por Édison Gastaldo e Simoni Guedes. Em todas estas publicações, comparecem textos de autores brasileiros e argentinos, ou de autores brasileiros tratando de temas da antropologia do esporte na Argentina.

Se os laços acadêmicos que vem se estreitando entre os grupos de pesquisa brasileiros e argentinos, permanecerem restritos aos dois países, a produção internacional nesta área será limitada. Para isto, é preciso que, a partir do contato com os/as pesquisadores/as argentinos/as,

sejam exploradas novas perspectivas de intercâmbio com outros/as pesquisadores latino-americanos, como veremos no exemplo a seguir.

A experiência mexicana

Em meados dos anos 1990, no México, uma série de pesquisadores estudava a dimensão social de fenômenos esportivos, tanto pesquisadores renomados quanto estudantes de pós-graduação. Em comum, um mesmo problema: a falta de referências bibliográficas, de registros de pesquisas prévias sobre o tema, de foros acadêmicos e de periódicos científicos para divulgação de suas pesquisas. A partir da iniciativa pessoal de alguns desses pesquisadores (Samuel Martinez e Enrique Rivera, particularmente) desde o final dos anos 1990, mesas redondas sobre “Esporte, Cultura e Sociedade” começaram a ser propostas a congressos mexicanos e internacionais da área de ciências sociais. A partir do contato resultante com as propostas de apresentação de trabalhos recebidas, estes pesquisadores começaram a estabelecer parcerias e contatos com pesquisadores de outros países (destaca-se, neste sentido, a figura de Pablo Alabarces, da Argentina, que mencionamos acima), para troca de experiências e bibliografia especializada. Com o apoio de Jesús Galindo Cáceres, experiente pesquisador mexicano da área de comunicação, foi aceito em 2004 o Grupo de Trabalho “Deporte y Comunicación”, no Congresso da *Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación*. A articulação com Pablo Alabarces levou à criação do Grupo de Trabalho sobre “*Deporte y Cultura*” na CLACSO (Conselho Latino Americano de Ciências Sociais). A partir dos encontros regulares entre pesquisadores fomentado por esta guarida institucional, as bases do grupo se consolidaram e diversos livros e números especiais de revistas foram lançados. A partir de 2005, com a aprovação de um “*Diplomado*” (Curso de Especialização, na academia mexicana) sobre “*Fútbol-espectáculo, cultura y sociedad*” na Universidade Iberoamericana (UIA) por Samuel Martinez, a formação de pesquisadores nesta área começou a ocorrer de forma regular.

A organização destes pesquisadores em uma rede de e-mail e a regularidade de sua produção científica levou à realização, em 2007, de seu primeiro congresso nacional, em Chiapas. O sucesso do evento levou os participantes – nessa altura, já incorporados a pesquisadores e profissionais de educação física, direito, psicologia, história, jornalismo,

sociologia, antropologia e educação – à fundação, em 2007, de uma sociedade civil, a *Red de Investigadores del Deporte, Cultura y Sociedad*. Com esta nova situação jurídica, a Red pode solicitar recursos públicos e financiamento para a realização de suas atividades, congressos, publicação de livros, convite a conferencistas estrangeiros, bolsas de estudo e de pesquisa, etc. Hoje, o grupo mexicano conta com associados nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Equador e Espanha. Em 2010, acaba de ser publicado o primeiro livro com o nome da Red, intitulado “*Fútbol-Espectáculo, Cultura y Sociedad: una revisión crítica al negocio mundial*”, e seu congresso anual realizou sua quinta edição este ano, em Sonora. Um exemplo de organização coletiva e pujança acadêmica, e uma grande oportunidade de crescimento e intercâmbio para os estudos sociais do esporte no Brasil, para adquirirmos juntos uma dimensão verdadeiramente latino-americana.

Para concluir: “pulando a cerca” das disciplinas

Deste breve exercício de reflexão acerca da constituição política do campo de estudos sociais sobre esporte na academia brasileira, algumas conclusões podem ser inferidas. Em primeiro lugar, apesar da qualidade das pesquisas sobre o fenômeno esportivo em áreas como a de antropologia, sociologia e comunicação no Brasil, a maior tradição, organização acadêmica e institucional e o maior volume de pesquisas e publicações encontra-se na área de educação física. A falta de interação (ou, digamos, o pouco contato) que as ciências sociais têm entre si e com a educação física ajuda a explicar em parte o isolamento das iniciativas de cada uma delas. Em segundo lugar, talvez um índice de nossa juventude como campo acadêmico, a interação entre áreas continua dependente de pessoas, não de instituições. Pesquisadores como Simoni Guedes, Ronaldo Helal e Pablo Alabarces constituem elos indispensáveis para a possibilidade de articulação dos/as pesquisadores em cada área e entre o Brasil e outros países. Para uma efetiva ligação acadêmica duradoura, é preciso fortalecer estes laços, e promover mais intercâmbio. É preciso aprender com a *Red* mexicana, olhar um pouco menos para o Qualis e mais para o – bom – trabalho que está sendo feito nas áreas próximas e pular com mais frequência as cercas que disciplinam a ciência em nosso país.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Montessor, 2002.
- DA MATTA, Roberto. (org.) *Universo do Futebol*, Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- GASTALDO, Édison. *A Forja do Homem de Ferro: a corporeidade nos esportes de combate*. In: LEAL, O. F. (org.) *Corpo e Significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.
- GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. (orgs.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GUEDES, Simoni L. “O Futebol Brasileiro: instituição zero”. Dissertação (mestrado) em Antropologia Social. PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro: 1977.
- HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MICELI, Sergio . *Os Gaviões da Fiel: Torcida Organizada do Corinthians*. in: Revista de Administração de Empresas (FGV), São Paulo, v. 18, n. 2, 1978.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOARES, Antonio J. e LOVISOLO, Hugo. *O futebol é fogo de palha: a ‘profecia’ de Graciliano Ramos* in: HELAL, R., SOARES, A. e LOVISOLO, H. (orgs.) *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- TOLEDO, Luiz H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____. *Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)*. In: BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. nº 52. São Paulo: EDUSC, 2001.